

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO E
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

Tiago Rodrigues Araujo

O PROCESSO DE SEMIFORMAÇÃO DO INDIVÍDUO NA
INDÚSTRIA CULTURAL

Campina Grande - PB

2014

Tiago Rodrigues Araujo

O PROCESSO DE SEMIFIFORMAÇÃO DO INDIVÍDUO NA INDÚSTRIA CULTURAL

Trabalho acadêmico orientado referente ao término do curso de Especialização em fundamentos da educação e práticas pedagógicas interdisciplinares na Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento da exigência acadêmica para obtenção do título de especialista.

Orientador: Prof. Ms. Francisco Diniz de Andrade Meira.

Campina grande - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A663p Araujo,Tiago Rodrigues

O processo de semiformação do indivíduo na indústria cultural [manuscrito] / Tiago Rodrigues Araujo. - 2014.
37 p.

Digitado.

Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Ms. Francisco Diniz de Andrade Meira.,
Filosofia".

1 Adorno 2. Horkheimer 3.Dialética do Esclarecimento I.
Título.

21. ed. CDD 193

Tiago Rodrigues Araujo

**O PROCESSO DE SEMIFORMAÇÃO DO INDIVÍDUO NA
INDÚSTRIA CULTURAL**

Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de especialista à comissão julgadora da Universidade Estadual da Paraíba.

Campina Grande, 29 de novembro de 2014

Banca examinadora:



**Prof. Ms. Francisco Diniz de Andrade Meira
(Orientador)**



**Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva
(Examinador)**



**Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva
(Examinador)**

Agradecimentos

Agradeço antes de tudo ao meu mestre e amigo Reginaldo por ter me iniciado no caminho da pesquisa e pelo seu apoio cotidiano na minha difícil e tortuosa vida de pesquisador e educador;

A minha companheira Larissa que está sempre presente nas minhas quedas e sempre pronta a ajudar a me levantar;

A minha mãe Maria das Dores, onde tudo que eu sou devo a ela e ao seu amor incondicional;

Ao meu pai Gilmar por sempre me dar exemplos de vida oportunos;

Ao meu amigo e orientador Diniz, pela sua paciência de monge e pelas noites etílicas que tanto me ajudaram a terminar essa pesquisa;

Ao meu amigo Ricardo pelo seu apoio e os diversos momentos de aprendizado que tive com esse grande companheiro;

Ao meu amigo João Jackson [carinhosamente chamado de madrinha] pela companhia sempre fiel e apoios decisivos;

Ao meu amigo Jackson Cícero pelos anos de amizade, briga, alegrias e apoios nesses anos afins de irmandade;

Ao meu amigo Mateus, que mesmo longe faz sempre presente em todos esses de convivência;

Aos meus irmãos por me ajudarem a ser o que eu sou hoje;

Ao meu amigo Raimundo pelas noites etílicas de risada e aprendizado regadas ao som das divas do rádio.

A minha família pelo apoio sempre irrestrito e companheirismo;

A minha amiga Ana Paula por sempre se fazer presente;

Ao meu sobrinho filho Gabriel, por me mostrar que um coração em frangalhos pode amar;

A minha amiga Keyla pelo sempre apoio nos momentos difíceis;

A minha amiga Neidinha apenas por se fazer presente e mostrar que a vida pode ter algo de positivo;

A minha amiga Kácia por simplesmente me complementar e me compreender sempre e de forma natural;

Finalmente, agradeço a todos que de forma direta e indiretamente contribuíram tanto para minha formação acadêmica quanto para minha formação pessoal.

É no olhar ao desviante, no ódio à banalidade, na busca do que ainda não está gasto do que ainda não foi capturado pelo esquema conceitual geral que reside à derradeira chance do pensamento.

T. W. Adorno

Dedico este trabalho ao meu primo Eron “*in
memoriam*”.

Resumo

O que se pretende com essa pesquisa monográfica intitulada “O processo de semiformação do indivíduo na indústria cultural”, é entender de que forma a indústria cultural consegue exercer um domínio sobre os indivíduos, fazendo com que percam seu caráter emancipatório, tornando-os dóceis aos seus domínios graças ao processo de semiformação que proporciona a falsa sensação nos indivíduos de seres autônomos e críticos da sua realidade. Para o devido entendimento dessa problemática, essa pesquisa tem como norteadores a *Dialética do Esclarecimento*, escrita por Adorno e Horkheimer; os textos **Tabus acerca do Magistério e Educação após Auschwitz** presente na obra *Educação e emancipação*, escrita por Adorno. Para atingir tal pretensão, será feito num primeiro momento uma análise detalhada da ascensão do projeto do Esclarecimento, bem como da sua derrocada. Num segundo momento será discutido o conceito de Indústria Cultural e sua dominação irrestrita das massas enquanto sistema. Num terceiro momento será trabalhado o conceito de semiformação do indivíduo em dois momentos: num primeiro momento o papel do professor nesse processo e num segundo momento como o processo de semiformação torna-se estratégico para a indústria cultural atingir seu objetivo para com as massas. Sendo essas as questões a serem respondidas por essa pesquisa monográfica.

Palavras-chave: Adorno, Horkheimer, Dialética do Esclarecimento, Indústria cultural, semiformação.

Abstract

The aim with this monographic study entitled "The individual semi-formation process in the cultural industry," is to understand how the cultural industry can exert a stranglehold on individuals, causing them to lose their emancipatory character, making them docile to their fields because of the semi-formation process that provides a false sense in individuals of autonomous beings and critics of its reality. For proper understanding of this problem, this research is guiding the Dialectic of Enlightenment, written by Adorno and Horkheimer; Taboos about the texts of the Magisterium and Education after Auschwitz present in the education and empowerment work, written by Adorno. To achieve such a claim will be made at first a detailed analysis of the Enlightenment project of the rise, as well as its downfall. Secondly discussed the concept of culture industry and its unrestricted domination of the masses as a system. Thirdly will be working the concept of semi-formation of the individual in two stages: at first the teacher's role in this process and a second time as the semi-formation process becomes strategic for the cultural industry to achieve your goal with the masses. Since those questions to be answered by this monographic research.

Keywords: Adorno, Horkheimer, Dialectic of Enlightenment, cultural industry, erudition.

Sumário

Introdução.....	10
I O projeto do Esclarecimento.....	12
1.1 A problemática da Dialética do Esclarecimento.....	12
1.2 O Esclarecimento como negação do mito.....	16
1.3 A regressão do Esclarecimento ao Mito.....	18
II A Indústria cultural e o processo de mistificação das massas.....	23
2.1 A Indústria cultural como entretenimento e ideologia.....	23
III O processo de semiformação do indivíduo na Indústria cultural.....	27
3.1 O papel do educador no processo da semiformação do indivíduo.....	27
3.2 A semiformação do indivíduo na indústria cultural.....	30
Considerações finais.....	35
Referências.....	37

Introdução

O que se pretende com essa pesquisa monográfica intitulada “O processo de semiformação do indivíduo na indústria cultural”, é entender assim como já diz seu título de que forma a indústria cultural consegue subjugar os indivíduos através de um processo que Adorno nomeou de semiformação. Graças a esse processo, a indústria cultural consegue transformar os indivíduos em meros consumidores dos seus produtos, fazendo-os achar que, mesmo dentro dos seus domínios ainda se constituem enquanto criaturas pensantes, autônomas e produtoras de um conhecimento livre. Para o devido entendimento dessa problemática, essa pesquisa tem como norteadores a *Dialética do Esclarecimento*, escrita por Adorno e Horkheimer; os textos **Tabus acerca do magistério e Educação após Auschwitz** presente na obra *Educação e Emancipação*, escrita por Adorno.

No primeiro capítulo “O projeto do Esclarecimento” tem-se o objetivo principal de entender como o projeto que tinha o Esclarecimento – o de livrar o homem do medo do desconhecido – acaba regredindo aquilo que combatia: O mito. No tópico 1.1 “A problemática da Dialética do Esclarecimento”, será apresentado o conceito de Esclarecimento e a relevância do seu estudo. No tópico 1.2 “O Esclarecimento como negação do mito”, será trabalhado os motivos que levaram o Esclarecimento a combater o mito levando em conta seu movimento de ascensão. No tópico 1.3 “A regressão do Esclarecimento ao mito”, será feita uma análise dos motivos principais que levaram a derrocada do projeto do Esclarecimento, bem como sua regressão no mito.

No segundo capítulo “A Indústria cultural e o processo de mistificação das massas”, será apresentado o conceito de indústria cultural e de que forma ele consegue dominar as massas e manter as manter relegada aos seus domínios. No tópico 2.1 “A Indústria cultural como entretenimento e ideologia”, tem como sua tese principal o entendimento de como a indústria cultural consegue estabelecer suas bases na sociedade dita esclarecida tornando-se o cotidiano das massas, alicerçando sua dominação basicamente no entretenimento e na alienação como fatores dominantes.

Finalmente, no terceiro capítulo “O processo de semiformação do indivíduo na Indústria cultural”, será analisado o conceito de semiformação e de como torna-se um instrumento de grande eficácia para a dominação irrestrita das massas pela Indústria cultural. No tópico 3.1 “O papel do educador no processo da semiformação do indivíduo”, tem como problemática o papel ao mesmo tempo importante do professor na eficácia do processo de semiformação, e perigoso por ser aquele que pode ajudar os indivíduos a pensar criticamente e entender todo o seu processo de dominação.

No tópico 1.3 “A semiformação do indivíduo na indústria cultural”, será respondido o seguinte questionamento: De que forma se realiza o processo de semiformação do indivíduo na Indústria cultural? É possível fugir dele? Sendo esses os principais questionamentos dessa pesquisa monográfica.

I

O Projeto do Esclarecimento

1.1 A problemática da *Dialética do Esclarecimento*

Na *Dialética do esclarecimento*, Adorno e Horkheimer se propõem a “descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em nova espécie de barbárie”¹. Para que se possa entender tal asserção, é necessário compreender o movimento dialético em que o esclarecimento, ao passo que encontra seu êxito na realização do seu projeto, acaba regredindo naquilo que combatia: o mito.

O esclarecimento tinha como projeto inicial “liberar o homem do mito e fazê-lo senhor da natureza”². No iluminismo ele encontra seu ápice, pois, mediante o grande desenvolvimento proporcionado pela ciência, os indivíduos conseguem dominar a natureza e transformá-la de acordo com a sua necessidade:

[...] esse processo de conquista, porém, anuncia a ideia de senhorio e domínio, de uma atividade humana marcada pela pilhagem das meras “coisas”, cuja passividade parecia destiná-las a condição de objetos disponíveis e manipuláveis. Condição indubitavelmente reforçada pelo processo de acumulação do capital.³

Desde então, fica impossível dissociar a socialização radical dos homens do progresso social, pois, ao passo que proporciona um grande desenvolvimento, faz com que os indivíduos tornem-se seus reféns. O trabalho torna-se o parâmetro dessa sociedade e ao mesmo tempo em que provém as massas e proporciona a dominação da natureza, condiciona e submete as massas aos desígnios da razão instrumentalizada.

¹ HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 11

² MATOS, Olgária C. F. *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*, 2. Ed. , São Paulo: Brasiliense, 1995, p.129

³ *Ibidem*, p. 129.

O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por outro lado, ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo se vê anulado em face dos poderes econômicos. Ao mesmo tempo, esses elevam o poder da sociedade sobre a natureza a um nível jamais imaginado. Desaparecendo diante do aparelho a que se serve, o indivíduo se vê, ao mesmo tempo, melhor do que nunca provido por ele. Numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens a ela destinados.⁴

Os indivíduos se percebem integrantes de uma realidade mercantilizada onde a cada dia a grande massa se torna mais submissa pela grande circulação e consumo de bens produzidos e a “enxurrada de informações precisas e diversões assépticas desperta e idiotiza as pessoas ao mesmo tempo”⁵.

Na realidade mercantilizada, a razão torna-se sinônimo de racionalização, ou seja, a razão torna-se aparato técnico que define a eficiência da dominação da natureza pelo homem. Ao se levar em conta que o projeto inicial do esclarecimento era o de libertar o homem do medo e transformá-los em senhores da realidade desencantada mediante o uso da razão, observa-se que, ao mesmo tempo em que a mesma emancipa os indivíduos ela submete a sua dominação, tornando-os seus eternos dependentes.

[...] do ponto de vista da *Dialetik*, a contra-partida da conquista da natureza é a repressão, a “desnaturação dos homens”. Só pode conquistar a natureza através da razão, só se pode conservar a conquista permanecendo racional. Aqui se encontra a lógica do capital, não sua racionalidade, mas sua absoluta eficiência no sentido de se repor, aumentar, acrescentar.⁶

O indivíduo gerado nessa realidade fica com medo de afastar-se dela, pois é o mesmo medo de afastar-se das relações sociais, por que “para Horkheimer e Adorno, o impulso à autoconservação está na base da civilização ocidental; nasce do medo da perda do próprio eu [...]”⁷. Esse medo de desconhecido. Essa falta de clareza são expressões do próprio mito, onde, “[...] este sempre foi obscuro e iluminante ao mesmo tempo. Suas credenciais têm

⁴ *Ibidem*, p. 130.

⁵ *Ibidem*, p. 15.

⁶ MATOS, Olgária C. F. Op. Cit. p. 131.

⁷ *Ibidem*, p. 132.

sido desde sempre a familiaridade e o fato de dispensar do trabalho do conceito”⁸.

Partindo desse ponto de vista, o progresso, embora possível através da expansão do domínio da razão, perde sua capacidade libertadora, pois, o irracional que se encontrava relegado ao mito, reaparece no interior da própria razão. A regressão do Esclarecimento ao mito é proporcionada pela mercantilização da realidade das massas e conseqüentemente da cultura, sendo o grande advento da razão instrumentalizada.

Nessa realidade, a cultura torna-se mercadoria, ou seja, mais um bem de consumo produzido e destinado para as massas. O problema proporcionado pela mercantilização da cultura é que a sua liquidação fez com que todo o progresso conquistado desde então regressasse no seu contrário, a realidade torna-se fabril. As fábricas tornam-se desde então, espelho e parâmetro para a realidade fora delas, ditando desde então as relações sociais que proporcionou a perda da subjetividade dos indivíduos e os relegaram a uma coletividade dócil, envolvendo-os num círculo de névoas que mascara a sua verdadeira realidade.

O que está em questão não é a cultura como valor, como pensam os críticos da civilização [...]. se a cultura respeitável constituiu até o século dezenove um privilégio, cujo preço era o aumento do sofrimento dos incultos, no século vinte o espaço higiênico das fábricas teve por preço a fusão dos elementos da cultura num cadinho gigantesco [...]. Nas condições atuais, os próprios bens da fortuna convertem-se em elementos do infortúnio [...]. O progresso converte-se em regressão. O fato de que o espaço higiênico das fábricas e tudo o que acompanha isso [...], levem a uma liquidação estúpida da metafísica, a cortina ideológica atrás da qual se concentra a desgraça real não é diferente.⁹

Contudo que já foi colocado anteriormente pode-se afirmar que a conversão do progresso em regressão é o ponto de partida da *Dialética do Esclarecimento*. Para seu melhor entendimento, Adorno e Horkheimer dividem essa obra em três teses (para fins de entendimento dessa pesquisa, só será necessário trabalhar as duas primeiras teses).

Na primeira tese, os autores discutem em linhas gerais o movimento dialético do Esclarecimento, ou seja, da sua ascensão que tinha como projeto

⁸ HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. W. *Dialética do Esclarecimento*, p. 14.

⁹ *Ibidem*. P. 15.

inicial a emancipação dos indivíduos e o combate do mito, até a decadência desse projeto que culmina com a regressão ao mito.

Na segunda tese é discutida a questão da indústria cultural que se apresenta enquanto regressão do esclarecimento à ideologia. Isso se justifica ao passo de que, na regressão do esclarecimento em ideologia os indivíduos encontram-se deliberadamente integrados num mundo extremamente mercantilizado, ficando submetidos e submissos aos seus desígnios.

Nesse contexto encontra-se a indústria cultural que se apresenta como a produtora dos produtos destinados para as massas, bem como a promotora da naturalização da barbárie promovida pela massificação da cultura e a padronização da educação para que seus desígnios cheguem a ser naturalizados numa relação fetichizante cotidiana, proporcionando a semiformação dos indivíduos. Sendo essas as questões a serem desenvolvidas no decorrer desse trabalho monográfico.

1.2 O Esclarecimento como negação do mito¹⁰

De acordo com Adorno e Horkheimer, desde os primórdios, o objetivo do Esclarecimento foi o de libertar os seres humanos do medo e transformá-los em senhores da sua realidade. Não obstante, o que poderia ser esperado do Esclarecimento seria “[...] o desencantamento do mundo, [...] dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber”¹¹. Pode-se sugerir que a pretensão do Esclarecimento seria acabar com as explicações tidas como irracionais provenientes dos mitos acerca da natureza, substituindo-as por um saber realmente confiável, que não poderia ser de qualquer tipo, mas um que pudesse ser convertido em algo prático.

Seguindo essa linha de raciocínio, pode-se dizer que os critérios que definiriam esse conhecimento seriam o cálculo e a sua utilidade prática. Não é por acaso que os autores se reportam aos primeiros defensores desse saber que se afasta da metafísica e se aproxima de uma explicação empírica.

Para Bacon como para Lutero, o estéril prazer que o conhecimento proporciona não passa de uma espécie de lascívia. O que importa não é aquela satisfação que, para os homens, se chama “verdade”, mas o “*operation*”, o procedimento eficaz. Pois não é nos “discursos plausíveis, capazes de proporcionar deleite, de inspirar respeito ou de ou de impressionar de uma maneira qualquer, nem de quaisquer argumentos verossímeis, mas de obrar e trabalhar na descoberta de particularidades antes desconhecidas, para melhor prover e auxiliar a vida”, que reside “o verdadeiro objetivo e função da ciência”¹².

Mesmo com essa crítica ferrenha ao legado metafísico havia o reconhecimento da sua relevância para a construção da filosofia ocidental e de toda uma arquitetura para a construção do saber até então mesmo sabendo que os conceitos formulados não estavam sedimentados em base sólida, pois não apresentavam nada de útil na vida dos homens. Partindo desse pressuposto, “o Esclarecimento, porém, reconheceu as antigas potências no

¹⁰ A reflexão de Adorno e Horkheimer sobre o projeto do Esclarecimento parte do texto escrito por Immanuel Kant intitulado *Resposta à pergunta: Que é Esclarecimento?* Onde de acordo com as palavras do autor: “Esclarecimento significa saída do homem de sua menoridade, da qual o culpado é ele próprio. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo [...] *Sapere aude!* Tenha ousadia de fazer uso do seu próprio entendimento – tal é o lema do Esclarecimento”.

¹¹ HORKHEIMER M. e ADORNO, T. W. *Dialética do Esclarecimento*, p. 19

¹² *Ibidem*, p.20.

legado platônico e aristotélico da metafísica e instaurou um processo contra a pretensão de verdade dos universais, acusando-a de superstição¹³.

Era chegado o tempo em que os deuses deveriam ser conhecidos apenas como estátuas e fábulas. Sonhava-se então com um sistema dedutivo único, de caráter lógico-formal, capaz de solucionar com os problemas inerentes das relações sociais: “o que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o Esclarecimento”¹⁴.

Esse tipo de procedimento lógico torna-se cada vez mais abrangente à medida que se torna difícil negar seu poder de atuação, bem como a confiança depositada nesse sistema, pois, permite que se preveja sempre o custo-benefício de cada atividade social: “[...] o Esclarecimento só reconhece como ser e acontecer o que se deixa o que se deixa captar pela unidade. Seu ideal é o sistema que se pode deduzir toda e cada coisa”¹⁵.

Um dos grandes avanços proporcionados por esse sistema lógico seria o engendramento de uma sociedade extremamente racional, onde seria proporcionado aos indivíduos que a compusesse, saber de antemão como se comportar e agir nas mais diversas situações cotidianas, sendo a educação uma das grandes responsáveis pela homogeneização dos indivíduos e tentativa de domar tanto os desejos como a subjetividade humana. Dessa forma, surge a seguinte questão: Como se dá a efetivação desse processo? Será que esse saber esclarecido consegue de vez superar o saber ainda presente proporcionado pelo mito?

¹³ Op. Cit., p. 21.

¹⁴ Op. Cit., p. 21.

¹⁵ HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. W. *Dialética do Esclarecimento*, p. 22.

1.3 A regressão do Esclarecimento ao mito

Como já mencionado, de acordo com Adorno e Horkheimer, os mesmos mitos combatidos já eram produtos do próprio Esclarecimento. De acordo com essa definição, desde o início da humanidade já se encontrava a necessidade de incorporação nas práticas ritualísticas das ações sociais, como também a explicação do que era julgado como “desconhecido” e o controle das suas etapas.

Todo ritual inclui uma representação dos acontecimentos bem como do processo a ser influenciado pela magia. [...] o lugar dos espíritos e demônios locais foi tomado pelo céu e sua hierarquia; o lugar das práticas de conjuração do feiticeiro e da tribo, pelo sacrifício bem dosado e pelo trabalho servil mediado pelo comando¹⁶.

A repetição de significados e o controle de suas etapas não são exclusividades do apenas do mito, também se encontram presentes numa sociedade que se encontra organizada pelo princípio do equivalente, onde o cálculo matemático se expande de tal forma que o conceito de verdade e o de lógica matemática chegam a se confundir, sem haver uma separação clara entre um conceito e outro: “a fórmula matemática é a repressão empregada conscientemente como já sendo o rito mágico [...]”¹⁷.

Nos tempos de magia, a palavra e o objeto encontram-se entrelaçados. Já na ciência, há uma separação entre o objeto e o pensamento, de modo a vincular essa nova relação à realidade. Essa afirmação pode ser encontrada na relação, apresentada pelos autores, entre *A Odisséia* de Homero e pré-história da racionalidade burguesa, onde fica claro o papel da educação na internalização desses princípios nos indivíduos, bem como na objetividade de suas ações sociais.

Em Homero, [...] a separação entre senhor e servo explica o antropomorfismo da magia e do mito, a vontade do senhor; quanto à ciência, esta nasce de um gesto de submissão ao objeto mas pressupõe a separação do sujeito ao objeto. O si que fez seu aprendizado na ‘escola da submissão ao mundo externo’ descobre que a verdade está no ‘pensamento que dispõe’. O si é o servo que

¹⁶ HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. W. *Dialética do Esclarecimento*, p. 23.

¹⁷ MATOS, Olgária C. F. *Op. Cit.*, p. 152.

mimetiza o escravo [...] para pôr-se como senhor. A ciência pretende superar a mimese do mito e da magia porque a duplicação do servo-senhor se realizará na unidade interior do sujeito conhecimento¹⁸.

A lógica de tudo isso consiste no fato de Ulisses aparentemente se submeter ao mito assimilando-o, para em seguida negá-lo veementemente. Pode-se observar que, a mesma se origina pela aparente rendição de Ulisses ao poder do mito. O Grande herói da epopeia consegue vencer o mito porque a este se submete.

Da objeção filológica, antecipada pelos próprios autores, de que incorrem em uma *petitio principii* com a escolha da tardia elaboração épica de uma tradição mítica que, já da perspectiva de Homero, se tornou distante, deriva uma vantagem metodológica [...]. Nas aventuras de Ulisses, astuto em duplo sentido, espalha a proto-histórica de uma subjetividade que se desprende da coerção dos poderes míticos¹⁹.

Para a sobrevivência dos mitos, faz-se necessária a repetição e cumprimento de normas pré-estabelecidas. Ulisses, com muita astúcia, faz cumprir essas normas, mas apresenta algumas artimanhas para tentar fugir do seu rigor. Mesmo inevitável o seu destino, ele utiliza-se da astúcia para tentar combatê-lo. Um exemplo dessa astúcia é o encontro entre Ulisses e as sereias.

Ulisses ordena aos seus marinheiros que o amarrem ao mastro do navio, para que possa ouvir ao canto das sereias sem que se deixe dominar por ele. Por outro lado, pode-se observar que seus marinheiros estão com os braços livres para poderem remar, mas não conseguem ouvir os suplícios de Ulisses para ser solto, pois estão com os ouvidos cheios de cera. Ao estar amarrado no mastro, Ulisses resiste ao canto das sereias. Mesmo conseguindo enganar o mito a sua vitória ainda não é completa, pois será pago um preço muito alto para que ela se concretize: a negação do seu desejo de seguir as forças míticas que o tentam.

Ao refletir acerca dos marinheiros comandados por Ulisses observa-se que, ao resistirem ao canto das sereias, não fazem da mesma forma esclarecida, pois, mesmo estando com os membros desamarrados estão surdos por causa da cera que foi colocado nos seus ouvidos não por

¹⁸ Ibidem, p. 154.

¹⁹ HABERMAS, J. 'O entrelaçamento de mito e Esclarecimento: Horkheimer e Adorno', In: O discurso filosófico da modernidade. Trad. Luis Sérgio Repa e Rodnei Nascimento (ET. All.), São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 155.

consciência própria, mas por ordem de Ulisses. O fato de não se submeterem às sereias não quer dizer que não estejam submetidos de alguma forma ou de outra a Ulisses, já que o mesmo representa o poder do pensamento esclarecido e toda a sua astúcia que lhe proporcionam a vitória sobre as antigas potências.

É possível ouvir as sereias e a elas não sucumbir: não se pode desafiá-las. [...] Quem as desafia está por isso entregue ao mito ao qual se expõe. A astúcia, porém, é o desafio que se tornou racional. Ulisses não tenta tomar um caminho diverso do que passa pela ilha das sereias. Tampouco tenta, por exemplo, alardear a superioridade de seu saber e escutar livremente as sedutoras, na presunção de que sua liberdade continua protegida suficientemente. Ele se apequena, o navio toma sua rota predeterminada e fatal [...]. Ele cumpre o contrato da sua servidão [...]. Mas ele descobriu no contrato uma lacuna pela qual escapa às suas normas, cumprindo-as. [...] Ulisses reconhece a superioridade arcaica da canção deixando-se, tecnicamente esclarecido, amarrar. [...] ele se inclina à canção do prazer e frustra-a como frustra a morte. O ouvinte amarrado quer ir ter com as sereias como qualquer outro. Só que ele arranhou um modo de, entregando-se não ficar entregue a elas. Apesar da violência do seu desejo, que reflete a violência das próprias semideusas, ele não pode reunir-se a elas, porque os companheiros a remar, com os ouvidos tapados de cera, estão surdos não apenas para as semideusas, mas também para o grito desesperado de seu comandante²⁰.

Com esse exemplo citado, já se pode definir com mais clareza o que seria a dialética do Esclarecimento. Ao combater o mito - uma forma de saber tida como arcaica ou ultrapassada - o Esclarecimento acaba por regredir nele - mesmo sendo uma nova forma de saber que tem como grande instrumento da fundamentação dos seus princípios a razão pura e simples - pois ambos possuem a mesma necessidade de autoconservação. A dominação da natureza e a eliminação do medo do desconhecido são as bases tanto do projeto de Esclarecimento quanto do mito.

Com efeito, tanto a mitologia como o Esclarecimento encontram as suas raízes nas mesmas necessidades básicas: sobrevivência, autoconservação e medo [...]. A lógica do domínio, que se origina na angústia mítica, corrompe na raiz do conhecimento. Este não o torna o outro pelo que é, mas só o considera em função de uma intenção manipuladora [...]. a ideia da existência de algo estranho, da existência de um outro si mesmo é a fonte da angústia; com isto, o homem se ilude acreditando libertar-se do medo quando não existir mais nada desconhecido, quando nada permanecer fora da possibilidade de ser redutível ao seu poder [...]. o medo do desconhecido em um mundo que ameaça a sobrevivência é, de

²⁰ HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. W. *Dialética do Esclarecimento*, p. 64

acordo com os autores, a raiz do desejo de dominar a natureza e a base tanto do sistema de pensamento antigo quanto do moderno²¹.

O preço a ser pago é a homogeneização radical, onde os indivíduos se afastam cada vez mais do controle de suas potencialidades, sendo submetidos às necessidades do mercado e a produção de seus bens, se transformando também em bens cambiáveis. Isso proporcionou ao mercado moldar os indivíduos da forma que mais achasse necessário para serem eternos consumidores de seus produtos.

O instrumento que proporcionou essa dominação sem ter quase resistência foi à devastação da subjetividade dos indivíduos que proporcionou a falsa consciência de que mesmo nessa sociedade guiada pela coletividade possuíam certa autonomia, sendo essa a base da homogeneização radical e dominação do mercado.

A universalização do gênero humano, por meio da instrumentalização da razão, não produziu apenas a emancipação dos indivíduos, mas também seu isolamento radical. Talvez se possa dizer que essa situação já acompanhava a humanidade desde o tempo em que a irracionalidade mítica passou a ser combatida.

A própria razão destrói a humanidade que tornou possível - esta tese de vasto alce é como vimos, justificada no primeiro excurso pela ideia de que o processo de esclarecimento se deve, desde o começo, ao impulso da autoconservação, que mutila a razão, visto que a reclama apenas nas formas da dominação racional com respeito a fins da natureza e dos impulsos, justamente como razão instrumental. Resta demonstrar que a razão permanece submetida ao ditame da racionalidade com respeito a fins até em seus mais recentes produtos, a saber, na ciência moderna, nas ideias universalistas do direito e da moral e na arte autônoma. Isso é o que procura demonstrar o ensaio sobre o conceito de esclarecimento, que intitula o livro, o excurso sobre o esclarecimento e moral, assim como o adendo sobre a indústria cultural²².

Nesse contexto surge a indústria cultural, que é definida como regressão do esclarecimento em ideologia. Na sociedade administrada, ela torna-se a grande responsável pela homogeneização radical das massas, pois coloca-se como a administradora dos bens produzidos e adaptados ao consumo das massas, os quais são transmitidos como forma de velar os reais interesses de

²¹ Ibidem, p. 147-148.

²² HABERMAS, J. *Op. Cit.*, p. 159

dominação, constituindo-se como um círculo de névoa, apresentando como um dos maiores perpetuadores desse sistema perverso e fetichista a educação. Sendo essa a problemática dos próximos capítulos.

II

A Indústria Cultural e o processo de mistificação das massas

2.1 A indústria cultural como entretenimento e ideologia

A indústria cultural representa uma das etapas da autodestruição do esclarecimento. Ela é também o complemento necessário da racionalidade instrumental que garante e perpetua o pleno funcionamento da sociedade administrada. A indústria cultural é definida no prefácio da *Dialética do Esclarecimento* como a regressão do esclarecimento em ideologia, mas ela pode designar também: “[...] a exploração sistemática e programada de ‘bens culturais’, com fins comerciais”²³.

Muitas vezes, atribui-se de forma errônea a indústria cultural o significado de cultura de massa mesmo sendo ambos extremamente diferentes. A indústria cultural apresenta-se como a produtora dos bens culturais destinados as massas e de certo modo determina também seu consumo, formando um sistema em que ela mesma ocupa-se da sua administração. Ela força a integração deliberada das massas para que possa adequar-se ao seu sistema administrativo, ou seja, moldando seus gostos e acabando com qualquer resistência que possa existir ao seu domínio que derive da grande massa.

Sob seus domínios, ela força a homogeneização dos indivíduos na sociedade administrada, fazendo com que a realidade das massas se torne a sua realidade, ou seja, toda e qualquer relação social passa a ser ditada por suas regras. O que facilita essa dominação é o fato de que todas as necessidades dos indivíduos encontrem satisfação nos produtos destinados ao seu consumo.

A indústria cultural reflete assim as mesmas relações e antagonismos que o mundo industrial das sociedades modernas, com a diferença que, cúmplice da ideologia dominante, ela tem como papel homogeneizar e tornar inofensivos os possíveis conflitos²⁴.

²³ LAURENT ASSOUN. Paul. *A Escola de Frankfurt*. Trad. Helena Cardoso, São Paulo Ática, 1991. P. 85.

²⁴ *Ibidem*.

A indústria cultural tem como sua principal arma a tecnologia. Ela possibilita a produção cada vez maior de bens padronizados suprimindo a crescente necessidade de consumo das massas, facilitando a aceitação dos seus produtos sem resistência. Na sua relação com as massas, reitera cada vez mais seus domínios no caráter alienante dos seus produtos, tornando os indivíduos cada vez mais em consumidores em potencial, reduzindo-os nessa relação a números estatísticos. Isso proporciona à indústria moldar os gostos dos indivíduos para que cada vez mais possam se adequar aos seus produtos, mantendo a lógica do comércio.

O fornecimento ao público de uma hierarquia de qualidade serve apenas para uma quantificação ainda mais completa. Cada qual deve se comportar [...] e escolher a categoria dos produtos de massa fabricada para seu tipo. Reduzidos a um simples material estatístico, os consumidores são distribuídos nos mapas dos institutos de pesquisa [...]. O esquematismo do procedimento mostra-se no fato de que os produtos mecanicamente diferenciados acabam por se relevar sempre como a mesma coisa²⁵.

A indústria cultural tem como sua principal arma a tecnologia. Ela possibilita a produção cada vez maior de bens padronizados suprimindo a crescente necessidade de consumo das massas, facilitando a aceitação de seus produtos sem resistência. Ela reitera seus domínios no caráter alienante dos seus produtos, reduzindo os indivíduos a meros números estatísticos. Isso proporciona à indústria moldar os gostos dos indivíduos para que cada vez mais possam se adequar aos seu produtos, mantendo a lógica do comércio.

O fornecimento ao público de uma hierarquia de qualidades serve apenas para uma quantificação ainda mais completa. Cada qual deve se comportar [...] e escolher a categoria dos produtos de massa fabricada para seu tipo. Reduzidos a um simples matéria estatístico, os consumidores são distribuídos nos mapas dos institutos de pesquisa [...]. O esquematismo do procedimento mostra-se no fato de que os produtos mecanicamente diferenciados acabam por se relevar sempre como a mesma coisa²⁶.

No cotidiano da grande massa há uma grande gama de produtos que respondem a essa finalidade: manter os indivíduos mesmo no ócio presos a indústria cultural através dos seus mais variados instrumentos de propagação,

²⁵ HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. W. *Dialética do Esclarecimento*, p.114.

²⁶ *Ibidem*, p.116.

sendo eles o rádio, televisão, cinema e o sistema de educação oficial (que tem no seu princípio arquitetônico legitimar toda a propagação desse ideário, bem como docilizar seus espectadores para aceitarem toda essa violência conceitual de bom grado) fazendo com que a diversão proporcionada por seus produtos atinja indistintamente a todos, como uma terapia forçada diante de todo o seu poder.

Os meios de comunicação de massa são o oposto da obra de pensamento que é a obra cultural [...]. Elas tudo convertem em entretenimento: guerras, genocídios, greves, cerimônias religiosas, catástrofes naturais e das cidades, obras de arte, obras de pensamento [...]. Em um mundo antiintelectual, antiteórico e inimigo do pensamento autônomo a razão ocupa um lugar central. Cultura é pensamento e reflexão. Pensar é o contrário de obedecer²⁷.

Na indústria cultural: “a diversão é o prolongamento do trabalho [...]”²⁸. No tempo livre, a repetição do trabalho mecânico da fábrica é substituída pela repetição fabril da diversão ao qual o trabalhador é submetido durante o seu ócio. Ao se divertir, o trabalhador encontra-se apto novamente para o trabalho no dia seguinte. Adorno e Horkheimer vão exemplificar essa nova função da diversão nos filmes de animação, onde os indivíduos são habituados a violência sutil e camuflada que lhe é imposta no seu dia-a-dia.

Na medida em que os filmes de animação fazem mais do que habituar os sentidos ao novo ritmo, eles inculcam em todas as cabeças a antiga verdade de que a condição de vida nesta sociedade é o desgaste contínuo, o esmagamento de toda resistência individual. Assim como o pato Donald nos *cartoons*, assim também os desgraçados na vida real recebem também a sua sova para que os espectadores possam se acostumar com a que eles próprios recebem. O prazer com a violência infligida ao personagem transforma-se em violência contra o espectador, a diversão em esforço²⁹.

Os autores se mostram céticos quanto à possibilidade de combinação perfeita entre diversão e esclarecimento. Ao dissociá-los, pode-se dizer que indústria cultural responde apenas pela função do entretenimento, o que acaba frustrando qualquer pretensão do esclarecimento.

²⁷ MATOS, Olgária C. F. *A Escola de Frankfurt: luzes e sombra do iluminismo*. São Paulo: Moderna, 2005. p. 64.

²⁸ *Ibidem*, p. 128.

²⁹ *Ibidem*, p. 130.

O espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação: não por sua estrutura temática – que desmorona na medida em que exige o pensamento – mas através de sinais. Toda ligação lógica que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente aviltada. Os desenvolvimentos devem resultar tanto quanto possível da situação imediatamente anterior, e não da ideia do todo³⁰.

A indústria cultural fez com que o entretenimento ganhasse outra conotação. Além de manter sua função principal, ou seja, proporcionar prazer e diversão para as massas, ela passa a controlar e moldar esses “gostos”, pois ao se apropriar do conceito de entretenimento que é anterior à própria indústria conseguem nivelar os indivíduos e atingir seus objetivos fazendo com que a diversão também entre na esfera do consumo.

O entretenimento e os elementos da indústria cultural já existiam muito tempo antes dela. Agora, são tirados do alto e nivelados à altura dos tempos atuais. A indústria cultural pode se ufanar de ter levado a cabo com energia e de ter erigido em princípio a transferência muitas vezes desajeitada da arte para a esfera do consumo, de ter despido a diversão de suas ingenuidades inoportunas e de ter aperfeiçoado o feitio das mercadorias³¹.

A função que a indústria cultural delega a educação é, desde então, o de idiotizar as pessoas, bem como de se transformar em mero instrumento reproduzidor do seu ideário no cotidiano dos indivíduos, perpetuando então sua ordem que é baseada no cálculo e no rendimento. Ela tem como grande realização o fato de ter se apoderado do conceito *a priori* de educação, fazendo com que se transforme em mais um de seus instrumentos ideológicos.

Deixo então, a seguinte questão para ser desenvolvida e discutida no próximo capítulo: A educação se deixa dominar de forma tão dócil e ao mesmo tempo tão violentamente subjetiva pela indústria cultural ao ponto de se deixar transformar em mais um de seus instrumentos ideológicos? Como de fato se dá essa dominação?

³⁰ Ibidem, p. 128.

³¹ Ibidem, p. 126.

III

O processo da semiformação do indivíduo na indústria cultural

3.1 O papel do educador no processo da semiformação do indivíduo

Após uma análise minuciosa sobre a ascensão e o declínio do projeto do Esclarecimento³² e o surgimento da Indústria Cultural³³, essa fase da pesquisa irá adentrar num aspecto importante para a domesticação na vida administrada: a semiformação dos indivíduos na indústria cultural³⁴. Nesse primeiro ponto, serão apresentados os motivos que levam os educadores a serem instrumentos chaves na adequação e domesticação dos indivíduos no esquema fabril da Indústria cultural bem como o não percebimento da sua

³² O Esclarecimento (saber erigido em bases puramente racionais), ao combater o Mito, (saber estabelecido até então, que não apresenta uma base inteiramente racional e presente de uma grande carga de misticismo) com o tempo não se mostra diferente das funções daquilo que combatia. Enquanto ascensão do Esclarecimento pode-se destacar a tentativa de livrar o homem do obscurantismo do saber mítico, ou seja, a tentativa de desmistificar o Mundo, de trazer a luz as forças naturais que se encontram divinizadas e colocá-los como protagonistas da construção de um novo saber. Nesse movimento de ascensão, a humanidade passa de meras criações divinas a criadora de um novo saber, transformando os antigos deuses em meros embustes e representantes de um período de obscurantismo e trevas, sendo a ciência o instrumento que proporcionou a base da sociedade erigida sobre os ditames do Esclarecimento. Com o tempo, o Esclarecimento se mostra tão sombrio e obscuro quanto o mito, pois, numa análise mais profícua, suas funções acabam por se mostrar idênticas as do mito - que tinha a função de explicar, traduzir, analisar, trazer à luz aquilo que estava encoberto e dar aos humanos sabedoria para conhecer aquilo que se encontrava ao seu redor – e essa nova sociedade acabaria também por ficar refém do novo saber vigente por medo do desconhecido.

³³ No seu movimento de declínio, o Esclarecimento mostra uma de suas facetas: a indústria cultural. Ela surge com a instrumentalização da razão pela ciência e com desenvolvimento da tecnologia que vai inserir a sociedade num mundo fabril, de produção em série de indivíduos na qual ela vai ser a administradora e mantenedora dos indivíduos nesse mundo administrado. A indústria cultural vai se apresentar como instrumento de domesticação dessa nova sociedade inserida num comércio de bens produzidos em série, diversões ascéticas; onde tudo que é produzido, pensado, divulgado passará obrigatoriamente por seus ditames. As regras sociais, a individualidade, as produções culturais, as estruturas sociais, a partir de então, serão a própria indústria cultural.

³⁴ A semiformação é um conceito criado por Adorno para denunciar a criação nos indivíduos de uma falsa sensação de sabedoria para encobrir a realidade da superficialidade na qual se encontram. Nesse contexto, aquilo que antes criava no ser humano um poder reflexivo e formava sua visão própria de mundo – as produções do espírito, ou seja, poesias, debates públicos, criação de músicas – passa a ser substituídos pelos bens produzidos e difundidos da Indústria cultural – os best sellers, os filmes holywoodianos, os programas de opinião produzidos em série para a televisão e o rádio, a produção em série de músicas e de obras de arte – que se apresentam enquanto expressão de saber e racionalidade. A responsável pela adequação nesse sistema passam a ser três instituições: A família, a escola e o trabalho no seu sentido abrangente.

participação para a perpetuação desse sistema e sua aparentemente submissão à estrutura fabril da educação escolar.

A questão relatada acima encontra-se no texto *Tabus acerca do magistério* presente no livro *Educação e emancipação* escrito por Theodor W. Adorno. O texto inicia sua análise na tentativa de entender a crise existente no magistério, observada inicialmente na dificuldade de renovação dos profissionais da educação, bem como uma crescente repulsa nos formandos só de imaginar ter que se tornar professor.

[...] minhas considerações prestam-se [...] a tornar visíveis algumas dimensões da aversão em relação á profissão de professor, que representam um papel não muito explícito na conhecida crise de renovação do magistério, mas que, talvez iate por isso mesmo, são bastante importante. [...] Permitam-me começar pela exposição da experiência inicial: justamente entre os universitários formados mais talentosos que concluíram o exame oficial, constatei uma forte repulsa frente aquilo ao que são qualificados [...]. Eles sentem seu futuro como professores como uma imposição, a que se curvam apenas por falta de alternativa.³⁵

Segundo o autor, os motivos que leva a essa aversão ao magistério são incontáveis e racionais. Deve – se considerar dois aspectos para o devido entendimento dessa problemática: um objetivo e um subjetivo. Como aspecto objetivo a crescente antipatia ao sistema escolar administrado e tudo aquilo que vem estruturado e relegado a esse sistema danoso tanto para o educador quanto para o aluno. Outro ponto dentro desse aspecto seria a questão financeira dos educadores que se encontram reféns de baixos salários.

Como aspecto subjetivo, pode-se citar o sistema hierárquico autoritário e castrador instituído na escola administrada, na qual o autor destaca a relação professor – aluno. Na constituição dessa relação, o professor apresenta – se enquanto autoridade do saber e do poder constituído em sala de aula e o aluno como mero aprendiz sem participação direta nesse processo, constituindo um tabu³⁶.

³⁵ ADORNO, Theodor W. **Tabus acerca do magistério**. In: *Educação e Emancipação*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006, 97 p.

³⁶ O autor conceitua Tabu da seguinte forma: “[...] utilizo o conceito de tabu de um modo relativamente rigoroso, no sentido da sedimentação coletiva de representações que, [...] de um modo semelhante [...] àquelas [...] já mencionadas, em grande parte perderam sua base real [...] conservando – se porém com

Segundo adorno, a reprodução desse sistema perverso encontra sua base na hostilidade direcionada aos profissionais do magistério por ajudar - até por vezes de forma inconsciente – na reprodução da barbárie necessária a semiformação dos indivíduos, onde a escola deveria ser um instrumento de resistência e pensamento crítico.

Seria preciso atentar especialmente até que ponto o conceito de “necessidade da escola” oprime a liberdade intelectual e a formação do espírito. Isto se revela na hostilidade em relação ao espírito desenvolvido por parte de muitas administrações escolares, que sistematicamente impedem o trabalho científico dos professores, permanentemente mantendo – os *down to earth* (com os pés no chão), desconfiados em relação àqueles que, como afirmam, pretendem ir mais além ou a outra parte. Uma hostilidade, dirigida aos próprios professores, facilmente prossegue na relação da escola com os alunos.³⁷

No sistema escolar castrador e semiformativo, encontra – se como detentora do poder hierárquico um sistema administrativo pautado na seguinte premissa: naturalizar a barbárie perpretada pela indústria cultural. Nesse contexto, os professores se apresentam como vilões, pois, acabam se tornando o principal instrumento para a reprodução de todo esse ideário.

Por outro lado, os educadores encontram-se munidos de uma posição na qual podem contribuir para a formação do pensamento crítico dos seus alunos, podendo se contrapor à barbárie social constituindo uma grande ameaça para a manutenção desse sistema.

muita tenacidade como preconceitos psicológicos e sociais, que por sua vez retroagem sobre a realidade convertendo – se em forças reais”. *Ibidem*, 98 p.

³⁷ *Ibidem*, p.116.

3.2 A semiformação do indivíduo na indústria cultural

Para entender o pensamento de Adorno e Horkheimer sobre a educação, é fundamental retomar o conceito de Indústria Cultural - como um instrumento de dominação e domesticação das massas, causando a reificação do indivíduo, bem como o conceito de Semiformação do indivíduo, presente nos textos *Educação após Auschwitz*.

Adorno e Horkheimer utilizaram, pela primeira vez, o conceito de Indústria Cultural como resultado de um processo de popularização da cultura dominante burguesa, proporcionada pela sociedade industrial e divulgada nos meios de comunicação de massa.

A arte consumida pelas massas, como mercadoria, serve como um instrumento de dominação social e de reificação da consciência. A indústria cultural, com todos os seus aparatos e peripécias, anuncia falsas promessas de sucesso e satisfação, almejando apenas o lucro. Para os autores, “o logro, pois, não está em que a indústria cultural proponha diversões, mas no fato de que ela estraga o prazer com o envolvimento de seu tino comercial nos clichês ideológicos da cultura em vias de se liquidar a si mesma”³⁸.

A indústria cultural utiliza-se da técnica para criar produtos e envolver o consumidor em seus discursos vazios e alienantes, onipresentes na sociedade e na ordem econômica capitalista. Assim, transformada pela técnica, a arte chega às massas descaracterizadas de criticidade. O sujeito se torna consumidor e gerador de lucro, sem autonomia.

Para ser vendida como uma mercadoria, a arte foi padronizada pela indústria cultural e deixou de ser uma crítica à ordem social, para fazer parte de um imenso mecanismo que visa produzir um clima conformista e dócil na multidão passiva. A padronização da arte e sua produção em série permitiram a difusão da cultura para um amplo setor da sociedade civil; prejudicaram, porém, sua autenticidade e sua autonomia.

Adorno e Horkheimer perceberam que a técnica, empregada no âmbito da indústria cultural, torna o homem mais ignorante, não passando de uma

³⁸ **HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. W.** *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 118

arma de dominação nas mãos dos capitalistas que ditam, para a sociedade, os modelos culturais a serem adotados por elas. O rádio e a televisão, como meios de comunicação de massa, já bastante difundidos na época, eram usados pelos capitalistas e pelos governantes para difundir o que deveria ser consumido, como cultura, pelas massas.

Esse processo de monopolização de bens culturais e de imposição de culturas mercadológicas, através dos meios de comunicação de massa, é resultado de uma regressão do Esclarecimento à ideologia da indústria cultural: “O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem”³⁹.

A monopolização dos bens culturais e sua produção em série facilitaram o acesso da população aos produtos, valorizando o ócio e o lazer. Entretanto, do jeito que o homem consome esses produtos, de maneira acrítica e irrefletida, empobrece sua cultura e fortalece a dominação, a manipulação e o controle social.

A ideologia da classe dominante disseminada pelos meios de comunicação de massa domestica o homem que, fatigado pelas longas jornadas de trabalho, procura novos meios de informação, de cultura e lazer. Encontra tudo isso muito fácil nas rádios, na TV e no cinema mecanicamente produzido. A indústria cultural repudia qualquer tipo de reflexão, investindo em diversão e entretenimento.

A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar do processo de trabalho mecanizado, para se por de novo em condições de enfrentá-lo. [...] ao mesmo tempo, a mecanização atingiu tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre a sua felicidade, [...] que esta pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho⁴⁰.

Para os autores, quando a cultura está sob o poder do monopólio, ela se torna mecânica e não passa de um negócio para vender o que é produzido

³⁹ *Ibidem*, p.100.

⁴⁰ *Ibidem*, p.113.

pela indústria cultural. Por isso, o rádio, a televisão e o cinema tornaram-se ferramentas importantes para a difusão da ideologia da classe dominante. Na sociedade de consumo, a arte está perdendo seu caráter estético, ficando destituída de sentido e vazia, se rebaixando a mera cópia de algo que é ou que foi importante para a sociedade.

As tecnologias, aliadas à indústria cultural, colocam nos indivíduos comportamentos estereotipados, conduzindo-os à massificação, caminhando num sentido oposto ao da transformação social como meio de emancipação. Levam o indivíduo a um estágio pré-reflexivo, não racional causando uma espécie de dependência.

Quando o homem se submete à lógica ilusória da indústria cultural, ele perde a experiência (*Erfahrung*), ou seja, a base para a constituição de sua subjetividade, impedindo todo o processo formativo. Sem tempo para refletir, para estudar, o homem trabalha cada vez mais para poder adquirir, de maneira desregrada, os bens de consumo.

Os indivíduos são modelados de acordo com os parâmetros impostos pelos meios de comunicação de massa e, massificados, perdem a consciência da realidade e a autonomia e não percebem que estão sendo explorados, que a cultura que estão consumindo é precária. Não imaginam que estão sendo presas fáceis nas mãos de falsos líderes a quem procuram imitar e, manipulados, começam a agir sem vontade própria e irracionalmente.

Eis o duplo caráter da cultura: ao mesmo tempo, busca a autonomia do sujeito e a sua adaptação à vida real. Para se tornar um sujeito autônomo e emancipado, o indivíduo precisa ser livre para fazer uso de sua razão, pensando sobre os aspectos que envolvem a sua formação, para que, assim, possa se esclarecer.

Entretanto, a indústria cultural integra os indivíduos ao todo da sociedade, a fim de controlá-los para que possam colaborar com a manutenção do capital, garantindo sua submissão consentida e seu adestramento à lógica da sociedade tecnológica, trazendo uniformização, diminuindo, portanto, a diversidade.

Nessa perspectiva, a educação perde as suas funções emancipadora e formativa dos indivíduos – o que lhes daria condições para enfrentar e resolver

problemas da sociedade em que vivem – para torná-los aptos aos valores de mercado e resolver os problemas da sociedade tecnológica e capitalista.

No cotidiano escolar, percebe-se que os indivíduos ficam sujeitos ao “princípio de adaptação” gerado pela indústria cultural e divulgado pelos meios de comunicação de massas. As características dessa geração devem ser levadas em consideração ao se pensar em estratégias que possam facilitar a formação.

Com a universalização da indústria cultural e a contradição entre formação cultural e sociedade de consumo, cria-se o processo de semiformação. A semiformação é um impedimento para a formação do indivíduo, pois o adapta à realidade cultural vigente e capitalista da indústria cultural.

Em sua obra *Teoria da Semicultura*, Adorno analisa a crise da formação cultural decorrente das mudanças sociais: “A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede”⁴¹. Desse modo, a semiformação cria, no indivíduo, uma falsa sensação de sabedoria, encobrindo a realidade de superficialidade na qual se encontra.

Adorno, analisando a crise da formação cultural da época, chegou à conclusão de que “a única possibilidade de sobrevivência que restava à formação é a autorreflexão crítica sobre a semiformação em que necessariamente se converteu”⁴².

A semiformação é um impeditivo para a formação porque adapta o indivíduo ao sistema capitalista, distanciando-o do saber emancipatório para ajustá-lo à cultura de mercado. Quando a produção simbólica, própria da cultura de um povo, é convertida em mercadoria pela indústria cultural, distancia-se do saber popular, desencadeando, então, o processo de semiformação.

⁴¹ ADORNO T. W. *Teoria da semicultura*. Primeira versão, v.13, p.9, 2005

⁴² *Ibidem*, p.19.

Dessa forma, pode-se estender esse preceito para a educação como uma máxima a ser seguida. Formar o indivíduo, por completo, em todas as suas dimensões, só será possível se compreendermos a educação como a capacidade de reflexão crítica para a maturidade, para a autonomia, em que a pessoa se torna capaz de agir por si mesma, sem estar sob o domínio de nenhum outro indivíduo.

Considerações finais

Ouve-se falar pela primeira vez no termo “indústria cultural” quando Adorno e Horkheimer, dois eminentes filósofos da Escola de Frankfurt, publicam a *Dialética do Esclarecimento*. Este estudo compreende todos os esforços de entendimento de como os indivíduos são subjugados à indústria cultural, tornando-se presos ao mundo do consumo, do lucro, da aparente organização social engendrada pela mesma.

Mediante análise da obra, observa-se que esse fenômeno da dominação se dá primeiramente com a derrocada do Esclarecimento, que intencionava livrar o homem da irracionalidade mítica, livrando-os do medo do desconhecido.

Com a não conclusão do projeto do Esclarecimento, os indivíduos passam a regredir a estágios cada vez mais primitivos, tornando-se cotidianamente subordinados aos anseios do consumo, pois, não importa quem o indivíduo seja, importa apenas se está apto para consumir.

Na reprodução do fetiche da mercadoria, apresenta-se a indústria cultural, que pode ser definida enquanto regressão do esclarecimento a ideologia. Ela passa então a mostrar-se enquanto realidade absoluta, tornando-se o cotidiano das massas, moldando até suas formas de comportamento. Ao passo que a indústria cultural produz os bens de consumo que serão destinados as massas ela regula também seu consumo forçando a integração deliberada dos indivíduos.

Como grande auxiliar no processo de sujeição dos indivíduos aos domínios da indústria cultural, encontra-se a educação oficial. É na escola, que os indivíduos vão adequar-se a realidade fabril. Tal como a fábrica a estrutura escolar apresenta uma estrutura hierárquica rígida, com horários a serem seguidos composto por níveis seriais a serem galgados tal qual uma linha de montagem onde o objeto final será o indivíduo domesticado para o mundo do consumo.

Adorno denuncia que esse “processo formativo” só seria possível dentro do contexto da semiformação do indivíduo na escola, que cria a falsa

consciência de que, mesmo nos domínios da indústria cultural é possível ter pensamento crítico autônomo.

Enfim, nesse mundo administrado pela indústria cultural, a escola, mesmo sendo um instrumento de manutenção do sistema e dominação dos indivíduos por um lado, por outro pode ajudar os mesmos a construir criticamente uma nova realidade.

Mesmo dentro dos domínios da indústria cultural, a educação não perdeu sua capacidade emancipatória e crítica de combate à realidade atenuada, sendo um instrumento eficaz contra a naturalização da violência e a barbárie cotidiana. Que Aushwitz não se repita! Esbraveja Adorno quando coloca a educação quando um dos poucos focos que poderiam proporcionar resistência presente no cotidiano das massas.

Referências

ADORNO T. W. A. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ADORNO, T. W. Tempo livre. **In:** Palavras e sinais: modelos críticos 2. Trad. de Maria Helena Ruschel. Petrópolis:Vozes, 1995.

ADORNO T. W. *Teoria da semicultura*. Primeira versão, v.13, p.9, 2005

ADORNO T. W. *Notas de literatura 1. 2. ed.* Trad. de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2008

_____. *Educação e emancipação*. Trad. de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. *Teoria estética*. Trad. port. Margaret S. Archer, Lisboa: Edições 70. 2001

_____. *Minima Moralia*. Trad. port. Artur Morão, Lisboa: Edições 70. 1993

_____. O fetichismo na música e a regressão da audição. **In:** *Os pensadores*. Trad de Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril cultural, 1980.

ANDREW, Arato; GEBHARDT, Eike. *The Essential Frankfurt School Reader*. New York: The Continuum Internacional Publishing Group, 2005

BENHABIB, S. *Critique, Norm, and Utopia: A Study of the Foundations of Critical Theory.*, New York: Colombia University Press, 1986.

BERMSTEIN, J. M. *Adorno: Disenchantment and Ethics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CAMARGO, Sílvio César. *Modernidade e dominação: Theodor Adorno e a teoria social contemporânea*, Campinas: UNICAMP, 2001.

CLAUSSEN, D. *Theodor W. Adorno: Ein letztes Genie*. Frankfurt am Main: Fischer, 2003.

COOK, D. *The Culture Industry Revisited: Theodor W. Adorno on Mass Culture*. Lanham, Md.: Rowman and Littlefield, 1996.

DUARTE, Rodrigo. *Teoria Crítica da Indústria Cultural*. Minas Gerais: Editora da UFMG, 2003.

FREITAS, Verlaine. Indústria cultural. **In:** *Adorno e a arte contemporânea*, 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

HABERMAS, I. O entrelaçamento de mito e Esclarecimento: Horkheimer e Adorno, **In:** *O discurso filosófico da modernidade*. Trad. de Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento (et. all.). São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. Trad. de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

HORKHEIMER, Max. Teoria tradicional e teoria crítica. **In:** *Os pensadores*. Trad. de Edgar Afonso Malagodi e Ronaldo Pereira Cunha. São Paulo: Abril cultural, 1980.

HORKHEIMER, M. e MARCUSE, H. Filosofia e teoria crítica. **In:** *Os pensadores*. Trad de Edgar Afonso Malagodi e Ronaldo Pereira Cunha. São Paulo: Abril cultural, 1980.

HORKHEIMER, Max. Conceito de iluminismo. **In:** *Os pensadores*. Trad. de Zeljko Loparié e Andréa Maria Altino de campos Loparié. São Paulo: Abril cultural, 1980.

HUHN, Thomas. *The Cambridge Companion to Adorno*. Cambridge: The Cambridge University Press, 2004.

JAY, Martin. *A Imaginação dialética*. Rio de Janeiro: Azougue, 2009.

JIMENEZ, Marc. *Para ler Adorno*. Trad. de Roberto Ventura. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

MATOS, Olgária C. F. *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*, 2. ed., São Paulo: Brasiliense, 1995.

MUSSE, Ricardo. *Theodor Adorno: Filosofia de conteúdos e modelos críticos*, São Paulo: Transformação, 2009.

MARX, Karl. *Teses sobre Feuerbach*. Trad. de Georges Labica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

MARX, Karl. *Contribuição para a crítica da economia política*. Tradução de Maria Helena Barreiro. São Paulo: Mandacaru, 1977.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. **In:** *Coleção os pensadores*. Rio de Janeiro: Abril cultural, 1974. [Seleção de José Arthur Giannotti]

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política – o processo global da produção capitalista*. Livro 1 a 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [s/d].

O' CONNOR, Brian. *The Adorno Reader II*. Oxford: Blackwell Publishers, 2000.

RORTY, Richardy. *Solidariedade ou objetividade?* Trad. de Maria Amália Andery e Teresa Maria de Azevedo Pires Sério, São Paulo: Novos estudos, 1993.

RÜDIGER, Francisco. *Theodor Adorno e a crítica à indústria cultural: comunicação e teoria crítica da sociedade*, 3° edição, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

WIGGERSHAUS, Rolf. *Escola de Frankfurt - História, desenvolvimento teórico, significação política*. Tradução de Vera de Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: Difeel, 2002.

ZIZEK, Slavoj. De História e consciência de classe a Dialética do esclarecimento, e volta. **In:** *Revista Lua Nova*, n°: 59. Trad. de Cícero de Araújo. São Paulo: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, 2003.